
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistêmica

SEMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 6, julho a dezembro de 2007

ENTRE A GEOGRAFIA QUE SE APRENDE E A GEOGRAFIA QUE SE ENSINA: A EXPERIÊNCIA DA AVALIAÇÃO CONTÍNUA NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Elayne Chistian da Silva¹,

Vânia Santos Figueiredo¹

RESUMO: Inicialmente foi possível, a partir de observações teóricas, apontar algumas modificações que o Ensino de Geografia vêm apresentando atualmente. Essas nortearam a nossa prática, permitindo uma exposição mais palpável do objeto da Geografia, o espaço geográfico. Para o desenvolvimento deste trabalho dividimos a pesquisa em duas partes: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa experimental, baseadas na utilização de modelos teóricos e de procedimentos adotados em diversas instituições educacionais. A abordagem da pesquisa se apoiou no método dedutivo, tendo em vista a aplicação de técnicas didáticas antes desenvolvidas por especialistas na área pedagógica. O método utilizado foi de levantamento bibliográfico, buscando apresentar alguns posicionamentos acerca da escolha criteriosa dos conteúdos a serem expostos em sala de aula. Da mesma forma, foi possível levantar algumas considerações sobre as condições que necessitam ser criadas para os alunos no processo de aquisição de conhecimentos sistematizados. Por fim, procurou-se fazer algumas considerações sobre a avaliação contínua aplicada atualmente na sala de aula. A classificação dos resultados dos trabalhos em sala de aula foi apresentada em forma de conceitos que representam avanços e recuos dos alunos nas atividades solicitadas pelos professores.

Palavras - chave: ensino, avaliação, aprendizagem.

ABSTRACT: Initially it was possible, starting from theoretical observations, to point some modifications that the Teaching of Geography is presenting now. Those orientated our practice, allowing a more tangible exhibition of the object of the Geography, the geographical space. For the development of this work we divided the research in two parts: the bibliographical research and the experimental research, based on the use of theoretical models and procedures adopted in several educational institutions. The approach of the research leaned on in the deductive method, tends before in view the application of didactic techniques

¹Graduandas do curso de Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba.- UEPB. R.; Antônio Guedes de Andrade, 190, Campina Grande/PB CEP: 58140-410. Telefone: (83) 3337-2242. E-mail: elaynechistian@yahoo.com.br; E-mail: vaniasfgeo@yahoo.com.br .

developed by specialists in the pedagogic area. The used method was bibliographical risings, looking for to present some positionings concerning the discerning choice of the contents be her exposed in class room. In the same way, it was possible to lift some considerations about the conditions that need to be created for the students in the process of acquisition of systematized knowledge. Finally, we tried to do some considerations about the continuous evaluation applied now in the class room. The classification of the results of the works in class room was presented in form of concepts that represent students' progresses and moving backs in the activities requested by the teachers.

Keywords: teaching, evaluation, learning.

INTRODUÇÃO

A Geografia quer seja a nível nacional ou a nível internacional, vem passando nas últimas décadas por um processo de renovação, contrapondo-se á Geografia tradicional positivista. No seio desse movimento, a produção geográfica preocupou-se em tornar a Geografia uma ciência mais analítica, partindo da superação das descrições regionais e da reflexão de seu objeto de estudo, o Espaço Geográfico. A Geografia tradicional voltada para o ensino era descritiva e mnemônica, tinha um esquema predefinido (a terra e o homem) e tratava o educando como um pequeno adulto que devia meramente assimilar o conhecimento sistematizado. Daí o conteúdo ser sempre o mesmo em todos os níveis, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio: relevo, clima, vegetação, hidrografia, população, meio rural, cidades, indústrias, e outros temas geográficos cujo aprendizado pressupunha a memorização e classificação, bem como, a assimilação em que se limitavam a listar uma série dos fenômenos estudados, sempre nessa ordem. “O que variava era tão-somente o tamanho da lista de acidentes a ser memorizados, menor no Ensino Fundamental e maior no Ensino Médio”. (VESENTINI, 1999, p.9).

Nessa concepção geográfica, os fenômenos eram apenas descritos e catalogados pelos alunos; os fenômenos naturais eram estudados isolados dos fenômenos sociais, deixando a idéia da dualidade entre natureza e sociedade, alimentando o tédio de muitas gerações de alunos que mais decorava do que aprendiam. Hoje, diferentemente do que sempre se pensou o espaço geográfico não é mais visto como receptáculo das atividades humanas, isto é, da simples localização das atividades do homem que habita o planeta. Entretanto, conforme aponta Vesentini op.cit, o estudo do espaço geográfico:

Pressupõe a compreensão da dinâmica da sociedade, que nela vive e o reproduz constantemente, e da dinâmica da natureza, fonte primeira de toda existência do homem, permanentemente apropriada e modificada pela ação humana. Entretanto, não se trata da divisão acadêmica ente a geografia física e humana, muito menos da

compartimentação do conhecimento, presente na separação de diversos temas como: relevo, clima, população, agricultura que passava a estudar os fenômenos, sem muitas vezes, relacionar os elementos que os constituíam. (p. 9)

De acordo com tais considerações, pode-se afirmar que, as análises atuais do estudo geográfico devem isso sim, analisar a passagem da interação homem-natureza para a interação sociedade-natureza e desta para sociedade-espço geográfico. Desde então, pode-se dizer que, a primeira interação já foi superada historicamente pela humanidade, á medida em que se aumentava o nível de organização do trabalho, e a outra (interação sociedade - espaço geográfico) está em permanente construção por todo o mundo. E é justamente com isso que a geografia se debruça: “compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”. (ROCKENBACH, 2002 p.8).

Além disso, deve-se considerar que o espaço é dotado de sucessivas mudanças ao longo do tempo, isto é, na mesma proporção em que a sociedade se modifica devido aos grandes avanços técnicos que imprimem na paisagem uma nova configuração territorial a cada momento histórico. No entanto, a necessidade de compreender o dinamismo do espaço geográfico remete-se a questão de método científico, pois o espaço geográfico deve ser considerado como uma totalidade, mas para se chegar ao todo é necessário analisar as partes que o compõem e suas interações. Dessa forma, as partes que compõem o espaço geográfico levaram á criação de várias abordagens de ensino e de pesquisa que privilegia a análise de diferentes escalas do Espaço Geográfico: local, regional, continental, mundial. Essas induziram no reconhecimento dos conceitos geográficos antes desenvolvidos como, por exemplo: lugar, paisagem, região, e tantos outros.

Na proposta atual do Ensino da Geografia, há que demonstrar ao educando o estudo do lugar. Ou seja, se deve problematizar situações do lugar, para que ao observar as paisagens rurais e urbanas, técnicas e naturais que o cercam ou a ele chegam pelos meios de comunicação, o aluno se questione sobre elas, suas características e localização. Fazê-lo interessar-se em perceber as dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais que moldam as paisagens na construção de espaços geográficos; contribuir para que o aluno compreenda como grupos sociais de interesses distintos exercem poder: militar, imaginário, etc. sobre determinadas porções do espaço geográfico que definem suas territorialidades.

Partir do lugar, no entanto, não é uma única regra. Existem várias escalas de análises que podem ser trabalhadas no estudo do espaço geográfico (Rua, Bairro, Cidade, Estado, Região). O importante não é permanecer apegado àquela Geografia compartimentalizada que

ênfatizava somente o estudo da natureza ou o da sociedade e que não explicitava a especificidade espacial (a identidade da geografia), fazendo com que o aluno não conseguisse diferenciar um estudo de História, de Ciências, ou de Geografia. O importante é estimular o interesse do educando pela dinâmica de produção e organização do espaço geográfico, seja qual for à escala de análise atribuída. E, para tanto, é necessário que o Ensino da Geografia vise desenvolver, a partir da compreensão de parcelas do espaço geográfico, uma postura crítica diante da realidade, comprometida com o homem e a sociedade; não com o homem abstrato, mas com um homem concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta, dividida em classes com conflitos e contradições. De modo que, possibilite ao educando, encontrar utilidade prática nas transformações dos espaços de vida (Ruas, Bairros, Cidades) e na identificação clara das contradições da realidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

A Escola Normal Estadual Pe. Emílio Viana Correia, localizada na Avenida Brasília, s/n-Catolé, na cidade de Campina Grande-PB, foi criada visando dá um bom aproveitamento de ensino a população escolarizável em nível médio, objetivando formar docentes para atuar na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, e Educação dos Portadores de Necessidades Especiais.

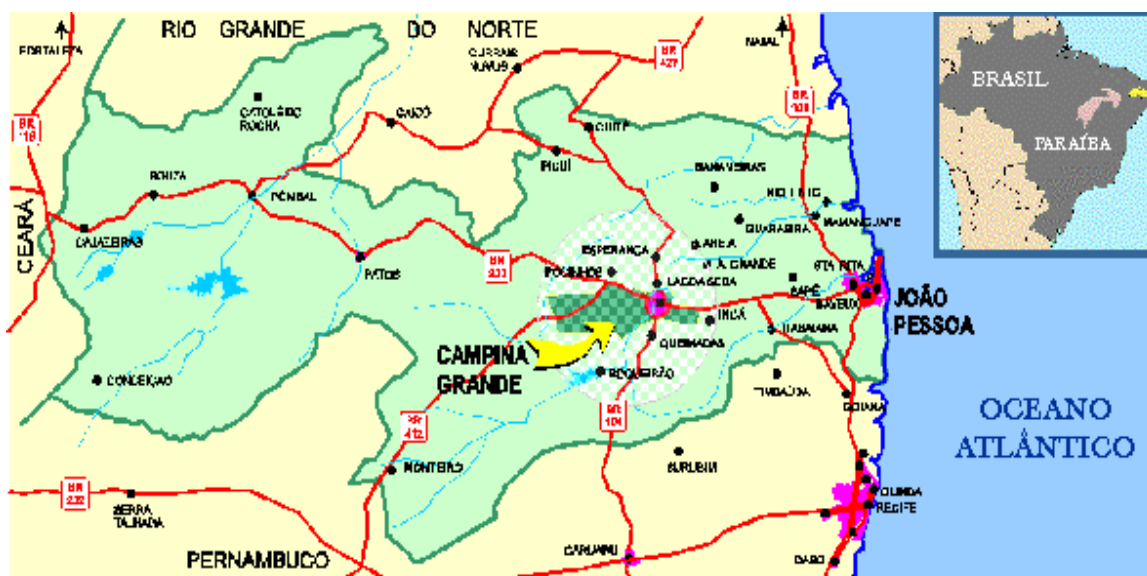


Figura 1 - Posição geográfica do município de Campina Grande/PB. Fonte: ROCHA (1997).

Para o desenvolvimento deste trabalho dividimos a pesquisa em duas partes: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa experimental, baseadas na utilização de modelos teóricos e de procedimentos adotados em diversas instituições educacionais. Quanto à forma de

abordagem, a pesquisa se apoiou no método dedutivo, tendo em vista a aplicação de técnicas didáticas antes desenvolvidas por especialistas na área pedagógica.

A relação métodos de ensino - método de aprendizagem: Tópicos para a atuação prática do professor de Geografia em sala de aula.

A atividade docente exige do professor a tarefa de selecionar e organizar vários métodos de ensino e procedimentos didáticos, tendo em vista as características peculiares de cada matéria de ensino. Assim como, um marceneiro precisa de boas e adequadas ferramentas para fazer um móvel, cheio de detalhes, encaixes, etc.; Os profissionais da Educação dependem de uma boa e adequada base conceitual, teórica e metodológica para direcionar a sua prática em sala de aula. Entende-se que o ensino não acontece por etapas, sendo assim, o trabalho docente se apresenta como um processo que envolve a relação cognoscitiva entre o aluno e a matéria. Na perspectiva de conceituação teórica sobre os métodos de ensino e procedimento didáticos se tomará como ponto de partida Libâneo (1994) onde nos diz que:

Os processos de ensino têm um aspecto externo (os conteúdos de ensino) e um aspecto interno (as condições mentais físicas dos alunos para a assimilação dos conteúdos) que se relacionam mutuamente: de um lado há a matéria a ser ensinada de forma assimilável pelo aluno; de outro, há um aluno a ser preparado para assimilar a matéria, partindo das suas disposições internas. (LIBÂNEO, 1994 p.160).

Dessa condição derivam à relação dos métodos de ensino e os métodos de aprendizagem em que os métodos de ensino de acordo com aspecto externo, que indica procedimentos e formas de atuação no processo de ensino, em outras palavras, as relações professor-aluno-matéria; e de acordo com seu aspecto interno, que indica os passos didáticos, procedimentos e ações de assimilação ativa por parte do aluno. No entanto, pode-se concluir que existe uma relação recíproca entre os métodos de ensino e os métodos de aprendizagem. Os métodos de ensino dizem respeito às atividades que o professor desenvolve em sala de aula com relação ao assunto apresentado, como por exemplo: aula expositiva e dialogada, leitura coletiva ou individual, apresentação de trabalho em grupo, etc.

Os métodos de aprendizagem relacionam-se à maneira de como o assunto deve ser apresentado, de modo que, proporcione ao educando, a assimilação dos conteúdos repassados de forma didática pelo professor. Dessa forma, os conteúdos repassados, mobilizados pelas funções didáticas, atuam no desenvolvimento do processo de cognição que envolve a percepção, as representações e o pensamento abstrato.

A percepção, que é a capacidade de trazer coisas, fenômenos e relações para nossa consciência, é a primeira forma de aproximação do aluno com a matéria, formatando na sua mente noções concretas e mais claras e ligando os conhecimentos pré-

existentes com os que estão sendo apresentados. Assim, os alunos são orientados para perceber objetos reais, assimilar as explicações do professor, reavivar percepções anteriores, observar objetos e fenômenos no seu conjunto e novas relações com outros objetos e fenômenos, confrontar noções do senso comum com os fatos reais. (LIBÂNEO, 1996 p.185).

Partindo-se da concepção de que a assimilação de boa parte do conhecimento começa com a percepção ativa dos objetos de estudo, a exposição do conteúdo novo, sempre deve estar acompanhada de uma “boa dose” de conversação sobre o que os alunos percebem sobre um fenômeno relacionado ao assunto, objetivando uma aproximação do aluno com o conteúdo a ser exposto. Essa forma inicial de apresentação do assunto faz com que o aluno adquira confiança ao expressar opiniões, dados concretos, exemplos advindos de suas percepções, bem como, favorece a relação professor-aluno. No entanto, torna-se pertinente lembrar que, em todo momento da atividade mental a percepção é a mais importante capacidade de captação imediata do mundo externo, mas, por si só, o conhecimento apenas a nível sensorial torna-se insuficiente para o exercício da compreensão e reflexão de suas propriedades essenciais. Pois de acordo com Libâneo (Op.Cit p.185): “A percepção ativa, sensorial, dos fenômenos corresponde ao que observamos do mundo exterior; porém, a compreensão e a reflexão de suas propriedades essenciais ultrapassam as possibilidades de conhecimento sensorial”.

Isto nos leva a compreender que no processo de ensino deve existir uma alternância entre o conhecimento sensorial e o conhecimento racional de modo que a assimilação da matéria nova deve interligar os conceitos científicos e a percepção ativa dos alunos na vida prática. Libâneo (idem. P.187) nos mostra de forma sintética os momentos interligados do processo de aproximação entre o conhecimento prévio dos alunos e o conhecimento sistematizado da disciplina a ser ensinada, são eles:

- Uma aproximação inicial do objeto de estudo para ir formando as primeiras noções, através da atividade perceptiva, sensorial. Isso se faz, na aula, através da observação direta, conversação didática, explorando a percepção que os alunos têm do tema estudado; deve-se ir gradativamente sistematizado as noções;
- Elaboração mental dos dados iniciais, tendo em vista a compreensão mais aprofundada por meio da abstração e generalização, até consolidar conceitos sobre o os objetos de estudo;

- Sistematização das idéias e conceitos de um modo que seja possível operar mentalmente com eles em tarefas teóricas e práticas, em função da matéria seguinte e em função da solução de problemas novos da matéria e da vida prática.

Por fim, pode-se perceber que a prática cotidiana do professor não se resume apenas à exposição oral dos conteúdos, mas de um conjunto de ações cíclicas, pela qual envolve a interligação entre a percepção ativa, compreensão e reflexão. Esse processo entre o conhecimento racional e o sensorial, deriva na formação de conceitos científicos que são fixados na consciência e tornados acessíveis para a aplicação objetiva.

A experiência da avaliação contínua no Ensino de Geografia

A avaliação contínua vista como acompanhamento da aprendizagem, representa uma espécie de mapeamento que vai identificando as conquistas e os problemas dos alunos em seu desenvolvimento. Dessa forma, têm caráter investigativo e processual. É importante lembrar que a avaliação, como parte dos processos de ensino e de aprendizagem, não é apenas uma mera classificação de alunos (bons, ruins, e médios), mas sim um processo de verificação de suas dificuldades, pois, permite ao professor verificar o alcance do seu próprio trabalho e, reformulá-lo, de acordo com a necessidade imposta. Assim, a avaliação é um processo que integra a aprendizagem e o ensino, devendo-se, implicar em um diálogo permanente entre professor e aluno.

Tomando-se como base a realidade das relações de ensino-aprendizagem que permeia as várias disciplinas (como por exemplo: Português, Matemática, Geografia, etc.), quando se trata de avaliar os alunos, têm-se a idéia de que a avaliação serve como “instrumento de controle” do professor para exercer seu poder repressivo de aprovação/reprovação. A esse respeito o professor Libâneo (1996, p.198) nos diz que;

Essa atitude ignora a complexidade de fatores que envolvem o ensino, tais como os objetivos de formação, os métodos e procedimentos do professor, a situação social dos alunos, as condições e meios de organização do ensino, os requisitos prévios que têm os alunos para assimilar matéria nova, as diferenças individuais, o nível de desenvolvimento intelectual, as dificuldades de assimilação devidas às condições sociais, econômicas, culturais adversas dos alunos.

Dessa forma, deve-se compreender que a avaliação não deve resumir-se apenas na contagem de erros e acertos, originando uma nota que simboliza o desempenho do aluno. Essa maneira anacrônica de avaliação contribui ainda mais para “afastar” o aluno da disciplina ou

até mesmo da escola. Por isso, a avaliação deve ser vista principalmente como um instrumento que ajuda o aluno a aprender, isto é, deve ser usada para promover a aprendizagem, bem como, fazer com que o professor tome decisões dos resultados obtidos. (ROCKENBACH, 2002. p.10). Neste sentido, a avaliação contínua deve comparar muito mais um aluno com ele mesmo do que um aluno com outro, de maneira a poder verificar com mais eficiência o quanto ele avançou. Para tanto, é importante que o professor tenha instrumentos de registro que permitam sistematizar melhor as situações de aprendizagem (levando-se em conta que as turmas são numerosas que dificultam a memorização dos nomes dos alunos) e indicar a sua intervenção e reorientação dos processos de ensino e de aprendizagem. “Da mesma forma, a avaliação deve observar muito mais o que o aluno sabe, do que o que não sabe, tendo em mente que eles possuem ritmos e muitas características que diferenciam uns dos outros”. (ROCKENBACH, Op.cit)

Ademais, e em síntese, outra questão a ser destacada é que a avaliação deve verificar se os alunos investigam, elaboram e testam hipóteses; se expõem e debatem diferentes opiniões e conclusões; se comunicam oralmente e por escrito os produtos dos trabalhos realizados; se resolvem problemas e elaboram questões; e se confiam as sua própria capacidade de enfrentar desafios. Tendo-se como base as análises das proposições anteriormente explicitadas, a experiência na Escola Padre Emilio Viana Correa pôde demonstrar na prática como essas diretrizes metodológicas acontecem e de que forma foram seguidas, levando-se em consideração a situação sócio-espacial da escola, bem como da sala de aula. O objetivo principal da Escola Padre Emilio Viana Correa é de proporcionar a formação de alunos para ensinar nas escolas de séries iniciais (primeiro e segundo ciclo), tendo em vista estimular atitudes comportamentais que confirmem sua preparação para o exercício da atividade educativa.

Desta forma, a disciplina lecionada obedeceu tanto os critérios da escola quanto as diretrizes instrumentais de avaliação contínua inerentes ao conteúdo da Geografia. Sendo assim, optou-se em acompanhar os alunos através de “fichas de acompanhamento individual”, que permite perceber quais as atividades que cada aluno consegue executar ou não, a presença em sala e a participação no processo de aprendizagem. Essa forma de acompanhamento indica se o aluno está apresentando progressos em relação às atividades exigidas, bem como permite ao professor solicitar do aluno mais responsabilidades.

Mesmo que predomine a representação quantitativa do aluno a partir de atribuição de notas (que variam entre 0 a 10), pois em nossas escolas de Ensino Médio, ainda predomina a

classificação de notas, o fato não invalida as considerações expostas anteriormente, uma vez que, o professor equipado com os instrumentos de registro (ou fichas de acompanhamento dos alunos) que podem ser feitas pelo professor. Essas permitem o acompanhamento individual do aluno em diversos aspectos como, por exemplo: Acompanhamento individual do aluno; Acompanhamento da presença do aluno; Análise do comportamento dos alunos em sala de aula.

A ficha de acompanhamento permite também fazer indagações a respeito dos conteúdos expostos, de modo que permita diagnosticar qual a dificuldade que o aluno apresenta em relação ao conteúdo exposto. Para isso, é preciso observar: Que tentativas o aluno fez para realizar a atividade? Que dúvidas o aluno manifestou? Como interagiu com os outros alunos? Revelou progressos em relação ao ponto em que estava? Desta forma pode-se fazer com que o aluno vá além de uma simples nota atribuída. Assim, torna necessário desmistificar a idéia de que nota equivale à aprendizagem adquirida pelo aluno, encarada apenas, como um processo de medição desviando, sua real função. Determinar valores num processo de aquisição de conhecimento é desconsiderar o aluno como indivíduo que se apropria das informações adquiridas, que interage de forma singular em seu contexto sociocultural e que adquire competências para sua vida pessoal e profissional.

Como desdobramento do que foi colocado acima, pôde ser observado que a avaliação contínua permite ao aluno desenvolver sua criatividade mediante a execução de tarefas que exigem a exposição de opiniões, apresentação em grupo de atividades, pinturas, etc. Ou seja, atividades como essas contribuem para que cada aluno construa o seu conhecimento a partir das interações educativas, propostas pelo professor. No caso do conteúdo de Geografia, o assunto exposto na primeira aula sobre a produção do espaço geográfico, entendido como processo histórico e social, exigiu dos alunos um grande esforço de abstração. Fato esse, que não poderia ser diferente, pois, essa função cognitiva deve ser bem explorada, visando fazer com que os alunos compreendessem que tudo que existe ocupa um lugar no tempo e no espaço, em outras palavras, que mesmo considerando a existência dos fenômenos, objetos e seres a partir do pensamento e conhecimento geográfico, as coisas que não ocupam um lugar no espaço e no tempo só existem no plano da imaginação do ser humano; esta tese proposta pela Geografia Crítica permite aos professores de Geografia “sepultar” as velhas teses de que o espaço natural e humano é obra e graça da criação divina.

E assim, depois de fazer referência a este enfoque de fundo filosófico a respeito do conhecimento geográfico, em seguida procurou-se apreciá-lo de forma mais específica,

buscando demonstrar situações reais vividas a partir de diversas escalas de análises do espaço geográfico, de modo que, começou-se a estimular “a percepção do lugar vivido, [...] fruto de relações sociais que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela História e cultura civilizadora, produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.” (CARLOS, 1996, p.29) Com base na observação da autora, levou-se a efeito uma atividade na qual se pediu aos alunos que os localizasse em várias escalas do espaço geográfico a atividade teve como título “Qual o seu lugar no espaço?”. Essa forma de abordagem proporcionou aos alunos a aplicação dos conhecimentos á realidade mais próxima, ou seja, o seu bairro ou sua comunidade de modo que fosse desenvolvida a capacidade de percepção da primeira escala do espaço geográfico, o lugar. O trabalho com a realidade local possui a vantagem de oferecer ao aluno a acessibilidade de aplicação dos conceitos científicos apresentados em sala de aula.

Outra atividade foi desenvolvida com o objetivo principal de demonstrar que, á medida em que os homens necessitavam de alimentação, abrigo, vestimentas, etc., foram ao longo do tempo levados a organizar-se em sociedades, inventar objetos, praticar agricultura, domesticar animais, construir cidades, enfim, construir espaços geográficos. E desta forma, aumentando o nível de organização do trabalho, fazendo com que as sociedades humanas tornassem complexas, aprimorando o seu conhecimento sobre a natureza e passando a transformá-la de modo cada vez mais intenso. Tal pressuposto de construção dos espaços geográficos permitiu a exposição do conteúdo sobre a “questão ambiental”, referente ao planejamento do 1º bimestre. Este primeiro momento contou com uma aula expositiva sobre a estrutura geral do ecossistema e a interdependência do homem e dos recursos naturais. O próprio conteúdo proporcionou, num segundo momento, delegar atividades que fizesse com que o aluno reconhecesse que a maioria dos objetos que os cercam é constituída de matérias - primas advindas da natureza (da primeira natureza como diria Milton Santos).

Para atingir o resultado desejado, optou-se pelo método de trabalho em grupo, formado por 3 a 5 alunos, e tendo em vista pesquisar os recursos naturais incorporados nos produtos industrializados, tais como copinhos descartáveis, carteiras, canetas, lápis, creme dental, etc. e a partir da pesquisa, elaborar um texto demonstrativo para ser apresentado para os colegas. Essa atividade teve a intenção de mostrar que a maior parte dos produtos industrializados advém dos recursos naturais pela qual são produzidos pela ação humana que vão desde matérias - primas processadas, até objetos de uso, construções ou cultivos.

O desdobramento das atividades possibilitou a discussão de que o tema questão ambiental é permeado também por várias posições teóricas que envolvem conscientizações, movimentos ambientalistas, interesses hegemônicos pela qual às vezes mais contribuem para obscurecer do que para esclarecer os fenômenos catastróficos que estamos presenciando. Daí, a medida em que a intervenção dos grupos ia se sucedendo, procurou-se expor de forma lógica que os impactos ambientais que determinados espaços geográficos apresentam não são causados pela população. Em geral muitas das teses ambientalistas apregoam culpa ao comportamento da população em relação a determinadas poluições que estão ocorrendo atualmente, daí justifica-se a preocupação em demonstrar a utilização desordenada dos recursos naturais pelas indústrias, principais responsáveis pela poluição dos nossos recursos hídricos, dos solos, do ar entre outros.

RESULTADOS

A experiência com a avaliação contínua em sala de aula rendeu os resultados esperados, pois á medida em que às aulas eram expostas exigia-se uma atividade em sala e, a partir daí se podia verificar se cada aluno estava conseguindo acompanhar o assunto exposto. As atividades solicitadas em sala proporcionavam aos alunos desenvolver suas habilidades, percepções e atitudes críticas perante os fenômenos estudados. A ficha de acompanhamento permitiu observar o desempenho de cada aluno, ou seja, como se comportava perante a disciplina, o professor e o assunto e que dificuldades apresentavam em relação ao conteúdo de ensino. A classificação dos resultados foi apresentada em forma de conceitos que representavam avanços e recuos dos alunos nas atividades solicitadas em sala de aula.

CONCLUSÃO

Por fim, podemos constatar que a prática atual dos geógrafos tem sido, na sua grande maioria, como professor de Geografia quer seja no Ensino Fundamental, Médio e Superior. Essa constatação comprova a relação íntima da Geografia com o ensino. Sendo assim, acredita-se que o estudo da Geografia muito poderá auxiliar o educando a compreender a realidade sócio-espacial, pois, o papel que a Geografia tem a desempenhar no ensino é muito amplo e fecundo. Além da transmissão de conhecimentos, cabe-lhe desvendar as realidades do mundo atual com todas as suas contradições e, consideravelmente, equipar o educando de um instrumental teórico conceitual crítico para que ele possa intervir no mundo, abandonando a postura de indiferenças sobre a realidade imposta.

Atualmente torna-se cada vez mais evidente as dificuldades de rever uma prática educativa transformadora, devido às dificuldades estruturais que interferem no exercício do trabalho como, por exemplo, baixos salários, deficiência da formação profissional e das más condições de trabalho. Muito embora essas constatações sejam desestimulantes, a escola, bem como, os professores devem ter o compromisso ético de diminuir a distância entre a ciência produzida e a cultura de base produzida no cotidiano.

BIBLIOGRAFIA

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar do mundo**. São Paulo: Hucitec. 1996.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

ROCKENBACH... [et al]; **coordenação geral do projeto Léo Stampacchio**. São Paulo: Moderna. 2002.

ROCHA, S. P. B.; ESTIVAL, K.; SILVA, G. G. A. **Aspectos logísticos ambientais na aquisição de insumo reciclável de uma indústria de reciclagem de vidro**. Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (1997).

VESENTINI, José William. **Geografia crítica: O espaço natural e a ação humana**. 15 ed. São Paulo: Ática. 1999.